



**IX Simpósio Nacional de História Cultural**  
**Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo**  
**1968 – 50 ANOS DEPOIS**  
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT  
Cuiabá – MT  
26 a 30 de Novembro de 2018

**INSTITUTO SANTO ANTÔNIO DO PRATA: ESPAÇO DE  
CONVIVÊNCIA SOCIAL E PRÁTICAS EDUCATIVAS**

Gercina Ferreira da Silva<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

O Instituto Santo Antônio do Prata, foi criado em 1898, pelo frade capuchinho Carlos de São Martinho com o financiamento do governo do estado sob os olhares de Paes de Carvalho, governador do estado. O Instituto teve início com a educação para meninos índios e chamava-se “Instituto da Infância Desvalida Santo Antônio do Prata”. No ano de 1905 o ensino se estendeu também as meninas índias e eram assistidas pelas freiras capuchinhas. O Instituto funcionou como internato para atendimento de meninos e meninas indígenas, órfãos pobres e menores infratores quando trazidos da capital por estarem perturbando a ordem, com ordem do governador do estado e ali prestavam assistência a esses meninos também. O Instituto de Educação Santo Antônio do Prata transformou-se em uma das mais notáveis instituições educativas do estado do Pará, no final do século XIX. Faziam parte dos ensinamentos dos meninos e meninas leitura, escrita, cálculo e música. Os meninos aprendiam ofícios manuais e as meninas prendas do lar como, lavar, cozinhar, corte e costura. O Instituto de Educação Santo Antônio do

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela UFPA, mestranda em Educação pela UEPA e integrante do grupo de pesquisa História da Educação na Amazônia – GHEDA. Bolsista CNPQ. E-mail: ferreiragercina@gmail.com

Prata, faziam parte da Colônia Santo Antônio do Prata, criada pelos frades capuchinhos Lombardos, vindos da Itália, de uma região chamada Lombardia, que fica próxima a Milão, no final do século XIX com a finalidade de catequisar índios, com projeto de colonização do governo do estado do Pará.

Os frades capuchinhos Lombardos italianos, da Missão do Norte do Brasil, chegaram no Pará no final do século XIX, dando início ao processo de Colonização e Catequese dos índios na Zona do rio Capim e Guamá, localizado no município de Igarapé-Açu, no Pará. O Instituto ficou prestando serviços a comunidade de Igarapé-Assú, onde era localizado até 1921 quando foi extinto e transformado em Colônia Agrícola Correccional e depois em Lazarópolis do Prata, para atender pessoas portadoras de hanseníase. A missão capuchinha ministrava além de ensinamentos religiosos da catequese, instrução e educação elementar, instrução Moral e Cívica, trabalhos de agricultura, avicultura e indústria pastoril.

O Instituto de Educação Santo Antônio do Prata era dirigido pelos frades capuchinhos e seu programa de ensino era regido pelo governo do estado. Este trabalho tem como objetivo analisar o Instituto Santo Antônio do Prata como espaço de convivência social e práticas educativas, no período de 1898 a 1921.

Metodologicamente este trabalho traz a análise documental e bibliográfica fundamentada em França e Rodrigues (2010), em que as autoras afirmam que uma pesquisa documental utiliza-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que pode passar por novas análises de acordo com os objetivos da pesquisa, além de que ao se debruçar sobre a leitura de um documento histórico, deve-se saber a sua forma material, o seu conteúdo, os objetivos de quem o produziu, de quem o lê e interpreta.

Bibliograficamente buscarei problematizar as fontes escolhidas para a análise do trabalho. Para isso utilizarei para colaborar nas análises da fonte alguns autores como, Nembro (1998), Castilho(2004), Burke(2008), entre outros que darão suporte para a realização desse estudo.

Para facilitar ainda mais a compreensão deste estudo trarei a Nova História Cultural, que de acordo com Burke (2008), esta nova forma de escrever a história vem como uma reação aos paradigmas tradicionais do fazer história. Desse modo a história

nos mostra a necessidade de se pesquisar em todos os contextos do cotidiano e em variados assuntos.

## **OS FRADES CAPUCHINHOS LOMBARDOS**

A “Missão Capuchinha do Norte do Brasil” tinha sua sede principal o convento do Carmo, localizado no centro comercial de São Luís, no Maranhão. Essa missão foi estendida para outros estados como o Pará, Ceará, Amazonas e Piauí. O trabalho missionário é uma característica da ordem capuchinha no país. Desse modo CASTILHO (2004), nos mostra que pelo Decreto de 12 de maio de 1894 a Missão teve sua autonomia e no Pontificado de Leão XIII foi aprovado um plano elaborado pela Ordem Capuchinha que tinha como um dos objetivos de fundar missões indígenas na Amazônia, também com a finalidade de proteger as fronteiras, como queria o governo.

Frei Carlos Roveda de São Martinho Olearo, nasceu em Milão (Itália) em 1852 e faleceu em 1931. Chega ao Brasil no Natal de 1892, no primeiro ano da missão e permanece por 39 anos até sua morte, é o “Pai fundador da Missão”. Esse religioso que vem para o Pará, a convite do governador, aceita o desafio de evangelização indígena na Amazônia. O governador é Paes de Carvalho. Muniz (1913) relata que Frei Carlos apresentou um programa de catequese indígena ao governador, tendo total apoio em escolher o melhor local, a fim de dar início aos trabalhos.

O local a ser escolhido foi sugerido pelo governador, o Alto Maracanã, que fazia confluência com o rio Prata no Município de Igarapé-Açu. Na visita ao local Frei Carlos, toma a decisão de lá sediar a missão, iniciando o trabalho com uma Colônia agrícola. O motivo de começar com uma colônia agrícola, foi justamente para se aproximar dos moradores do local, estabelecer amizade e instalar a missão.

Igarapé-Açu, município localizado no nordeste do estado, é parte integrante da região Nordeste do Pará. Uma história que começou com imigrantes nordestinos oriundos dos projetos de colonização agrícolas promovidos pelo estado brasileiro para ocupar o corredor logístico, construção e operação da Estrada de Ferro Belém-Bragança. Os municípios que fazem limite com Igarapé-Açu são: Ao Norte, Marapanim e Maracanã; Ao Sul, Santa Maria do Pará; A Leste, Nova Timboteua; A Oeste, Castanhal e São Francisco. A origem da cidade de Igarapé-Açu foi o Núcleo Colonial de Jambu-açu, fundada em 1895, no km 118 da Estrada de Ferro de Bragança. O Núcleo de Jambu-Açu foi criado a partir da política do governo estadual, de colonizar toda a região Bragantina.

A Estrada de Ferro Belém-Bragança desempenhou um papel fundamental dentro dessa política de colonização, uma vez que promovia o escoamento dos produtos da região Bragantina para Belém, e em Jambú-Açu estabeleceram-se algumas famílias, principalmente de espanhóis. (DA SILVA,2015).

Igarapé-açu é um município do estado do Pará escolhido pela ordem capuchinha Lombarda para sediar o Instituto de Educação para índios, filhos de colonos e órfãos. A escolha se deve pelo fato do município ter exuberantes matas e rios de água doce, abrangendo uma área que contemplava as tribos dos índios Tembés. No ano de 1897, começaram os contatos da Missão com o governo do Pará para a fundação de uma “catequese”. O governo Paes de Carvalho, como homem leal e sincero, não encontrou outra solução para a civilização da tribo de nômades primitivos que habitavam nas florestas paraenses, senão recorrer, como se fizera no passado, aos grandes civilizadores religiosos a exemplo, Anchieta, Melchior de Santa Catarina, José das Chagas, Martin de Nantes e outros. (Micheli,1986).

O desenvolvimento desse projeto de colonização e catequese dentro das matas do estado do Pará nos faz lembrar o trabalho de muitas outras ordens religiosas que chegaram até aqui com o desejo de fazer o mesmo trabalho dos missionários capuchinhos Lombardos. Desde o século XVII o estado foi palco de muitos outros projetos envolvendo catequese e instrução. A revista A Escola, periódico mensal de Instrução Pública do Estado do Pará no ano de 1900 nos mostra que desde a fundação de Belém em 1616 e dez anos após dessa data o estado tinha dois conventos, um de Carmelitas e outro de Capuchos de Santo Antônio e que nessas casas religiosas os frades exerciam o magistério.(Viana,1900).

os serviços das ordens religiosas na instrução da colônia paraense: qualquer que tenha sido os seus desvios, qualquer que tenha sido o resultado da sua influência, é certo que elas, exclusivamente elas, ministraram o ensino, desde a fundação do Pará até que ordens superiores obrigaram-nas a deixar a colônia. Os Mercedários, em 1640; os Jesuítas, em 1653; os religiosos da Beira e Minho, em 1706; os religiosos da Piedade, em 1749; ergueram sucessivamente, os primeiros templos que ainda hoje vemos, e os últimos, um pequeno convento, mais tarde arrazado; os frades tornaram-se as únicas fontes de instrução na capital e no interior.(VIANA,1900,p.19).

Para Muniz (1913), todos os cuidados e procedimentos por ele adotados vieram a ser somados em um grande empreendimento chamado “Núcleo Indígena Santo Antônio

de Maracanã”. No acordo feito com o governado do estado, o contrato com os frades capuchinhos teria a duração de quinze anos e construíram residências, de internato para meninos e meninas, escola, casas para os colonos, transporte dos missionários. Aos religiosos, caberia a direção administrativa, escolar e técnica do estabelecimento, ministração da catequese religiosa aos indígenas, ensino escolar elementar, de instrução moral e cívica, e de trabalho de agricultura, avicultura e indústria pastoril. O Instituto no ano de 1905 contava com 55 alunas internas e 37 alunas externas, entregues pelos pais, para receberem os ensinamentos da fé cristã e das letras.

Em 1902 o nome do Núcleo foi substituído, por autorização do governo do estado, que se chamava Núcleo Indígena Santo Antônio do Maracanã para Colônia Santo Antônio do Prata. Essa mudança de nome faz com que o Instituto de Educação seja nomeado Instituto de Educação Santo Antônio do Prata.

### **EDUCAÇÃO ELEMENTAR X PRÁTICAS EDUCATIVAS**

O espaço da Colônia do Prata nos leva a imaginar que ali se efetivavam muitos aprendizados. A educação formal era a base dos atores envolvidos na Colônia com o intuito de levar a educação elementar para muitas crianças trazidas para esse fim. A Colônia era palco para muitos saberes e culturas quando ali se envolviam grupos de diversas etnias, costumes e crenças, vindas na bagagem de nordestinos, espanhóis, italianos, rio grandenses em uma diversidade múltipla e portanto rica em seu cotidiano, em relações de pessoas e grupos sociais diversos e nesse circular de eventos temos crianças índias, órfãos e jovens.

Nesse turbilhão de costumes e culturas ali existentes, como esses atores se percebiam em um espaço de relações híbridas, e o que se transversava entre si como forma de aprendizados? Muitos acontecimentos ali foram descritos narrando essa diversidade e espantos de ambas as partes, entre colonizador e colonizado.

Entre esses episódios ocorridos está o de um certo índio que questionou o governador Paes de Carvalho quando este estava em visita na Colônia do Prata ao ordenar aos índios obediência aos frades capuchinhos deixando seus costumes de selvagens e se adaptassem aos dos cristãos, que se unissem em matrimônio segundo o rito da Igreja Católica Apostólica Romana e se contentassem com uma só mulher, a exemplo dos cristãos. O fato deixou o índio muito aborrecido e devolvendo em tom de audácia ao governador que só podia ter uma mulher o índio que fosse fraco e preguiçoso, que não

podia sustentar mais de uma mulher, mas ele que tinha braços fortes podia sustentar mais que uma mulher sem precisar da ajuda de ninguém (SAMARATE,1906, P.20).

Neste episódio podemos perceber a distância que se encontravam, distantes em olhares, em perspectivas de vidas. O olhar do colonizador deixando transparecer sua total falta de compreensão da cultura, da forma de viver do outro. Fonseca(2006), nos mostra que apesar das dificuldades que houve em relação a educação formal na época da colônia com crianças pobres, não podemos dizer o mesmo sobre os processos educativos mais amplos que poderiam ser realizados intencionalmente ou não, implicavam no estabelecimento de relações nas quais alguma forma de saber circulava e era apropriado.

Segundo Samarate (1906), o espaço em que estava assentado a Colônia do Prata era uma mata de muitos mosquitos e a febre amarela era uma realidade a todos que ali moravam. Muitos casos de missionários que ficaram doentes e vieram a falecer. Frei Carlos Roveda o fundador da Missão Capuchinha no Pará, foi uma dessas pessoas, que contraindo a febre palustre precisou de cuidados fora do local, em outro estado. Esse fato incentivou moradores do local a procurar frei Daniel para que ele fizesse uso de remédios caseiros, feitos com a sabedoria da mata e plantas que curam.

Esses processos educativos segundo Fonseca(2006), ocorrem em outra dimensão, além da educação formal, transpassando culturas, formando uma sociedade brasileira mestiça com a contribuição de várias raças e culturas diversas, assim a autora toma diversos exemplos dentre eles os indígenas que foram educadores, bastando lembrar a importância de todo um conjunto de saberes aprendidos com eles e que foram cruciais para os exploradores do sertão nos séculos XVII e XVIII.

Os jesuítas são disso exemplo, pois souberam se aproveitar de elementos da cultura indígena na construção de seus programas de catequese e empreenderam a organização dos aldeamentos levando em conta não apenas os saberes trazidos e ensinados por eles, como também se apropriando dos saberes nativos, estratégia que facilitou, sem dúvida, o processo educativo junto aquelas populações (FONSECA, 2006, p.62).

Nesse sentido o colonizador quando chegou aqui com seus conceitos, sua cultura, sua fé, tenta desfazer o que aqui já existia, menosprezando e diminuindo as práticas culturais que aqui se encontravam. As práticas culturais dos ameríndios são rebaixadas para que se tornasse viável a inserção dos valores dos conquistadores (Rodrigues, 2013, p.5). Nesse sentido podemos observar através desses relatos que no

espaço Colônia Santo Antônio do Prata a visão dos frades capuchinhos com os moradores do local é uma visão de colonizador, mesmo se passando no século XIX, ainda assim tem comportamento dos navegadores na descoberta do novo mundo pois as questões culturais que esses conquistadores interpretaram fizeram segundo sua ótica e sistema de valores. Pondo em cheque os costumes que lhe eram estranhos, engendrado ao desejo pela posse das novas terras, demonizando sua cultura e fazendo-os vassalos do rei (Rodrigues,2013, p.8).

Não podemos duvidar que a Colônia Santo Antônio do Prata foi palco de misturas de culturas, de uma mestiçagem de pessoas de hábitos diferentes e que também houve uma troca dessas culturas e a aquisição de novos significados, em que todos os envolvidos participavam de um processo de mestiçagem rica e variada.

O ensino elementar no Instituto de Educação Santo Antônio do Prata seguia o programa oficial de ensino do governo. Por ser uma escola vinculada ao estado ela apresentava em seu currículo disciplinas que faziam parte do programa oficial. Os professores eram nomeados pelo estado para assumirem seus postos de educadores nas escolas do estado. Esse detalhe se fazia diferente no Instituto do Prata visto que os frades capuchinhos tinham a autonomia de nomearem professores segundo suas necessidades e alguns dos religiosos também lecionavam. O Instituto não se isentava da fiscalização que o governa fazia todos os anos e a cada final de ano letivo eram apresentado um relatório de suas atividades educativas e o desenvolvimento da colônia.

No Relatório do Instituto do Prata do ano de 1905, escrito pelo diretor frei Daniel de Samarate, apresentado ao governo do estado consta que na educação das meninas índias as aulas se destacavam da seguinte maneira: na aula média as disciplinas por elas estudadas seria Leitura, Escrita, Catecismo, Recitação, Conduta, sendo que na primeira classe foram matriculadas 4 alunas e na segunda classe foram matriculadas 25 alunas. Nesse relatório mostra a classificação do desempenho das alunas através das notas por elas alcançadas e a premiação dada com relação a essas notas com prêmios para o 1º, 2º e 3º lugar.

Na aula inferior eram ministradas as mesmas disciplinas da aula média e a mesma relação das notas com premiação as alunas de maior desempenho para o 1º, 2º e 3º lugar.

Na aula superior eram ministradas aulas de Leitura, Escrita, Gramática, Aritmética, História, Ditado, Catecismo, Conduta e Recitação. Na primeira classe foram matriculadas 7 alunas e na segunda classe foram matriculadas 6 alunas. Nas duas turmas mostram também a classificação do desempenho das alunas através das notas com prêmios para o 1º, 2º e 3º lugar.

Aula de prendas foram matriculadas 18 alunas com desempenho de notas e premiação.

Na aula de música e canto foram matriculadas 15 alunas e avaliação através de desempenho de notas e premiação para o 1º, 2º e 3º lugar.

As disciplinas Catecismo, Conduta e Recitação eram as disciplinas que se repetiam em todo o currículo das meninas. Em todas as disciplinas faziam-se relação ao desempenho das alunas através das notas por elas alcançado para a premiação em 1º, 2º e 3º lugar. No Relatório em relação a educação dos meninos temos: Recitação, Escrita, Gramática, História, Geografia, Aritmética, Ditado, Catecismo e Conduta. Na primeira classe foram matriculados 8 alunos. Na segunda classe foram matriculados 13 alunos e ambas as classes tinha premiação em relação as notas e eram classificados em 1º, 2º e 3º lugar.

Na aula Média as disciplinas ministradas eram Leitura, Ditado, História, Aritmética, Escrita, Recitação, Catecismo e Conduta. Na primeira classe foram matriculados 4 alunos. Na segunda classe foram matriculados 18 alunos. Na aula inferior as disciplinas ministradas eram Leitura, Escrita, Contas, Catecismo e Conduta. Na primeira classe foram matriculados 10 alunos e na segunda classe 16 alunos. Na aula de Música eram ministradas as disciplinas de Teoria, Prática e Execução. A primeira classe foram matriculados 7 alunos e na segunda classe 11 alunos. Em todas as disciplinas faziam-se relação ao desempenho do aluno através das notas por eles alcançado para a premiação em 1º, 2º e 3º lugar.

As aulas no ano de 1905 começaram em janeiro e com aulas de Letras e Música, seguindo-se o programa oficial das escolas elementares. A tarde os meninos frequentavam, em parte, as aulas de música e canto, e ocupando-se dos demais serviços manual como limpeza e asseio e na aprendizagem de ofícios caseiros.

Na segunda parte do dia as meninas ocupavam-se no trabalho de agulha, bordados e mais serviços domésticos como: lavanderia, gomagem, cozinha e asseio da

casa. Para tanto vale lembrar que ficava a cargo das meninas todas as roupas do Instituto, que eram feitas por elas, para os meninos e para elas. Algumas meninas faziam parte das aulas de Canto e estudo de Música e Piano.

## CONCLUSÃO

O Instituto Santo Antônio do Prata teve um papel fundamental na educação no século XX no estado do Pará. Sua proposta desde o momento de sua criação era o de educar meninos e meninas indígenas no projeto de catequese em parceria dos religiosos capuchinhos e o governo do estado. O Instituto de Educação esteve durante seus vinte anos de existência em parceria com o governo do estado e manteve o programa educacional do governo paraense, colaborando com o cenário da educação na região norte do Brasil. Durante sua existência manteve o nível elevado de educação atendendo crianças e jovens carentes na dificuldade de se deslocarem para a capital do estado para estudar como também colaborando com muitas famílias advindas das regiões próximas do estado e fora dela, no programa de governo para colonização do estado. O Instituto do Prata foi administrado por quatro governos estaduais iniciado por Paes de Carvalho, Augusto Montenegro, João Coelho e Lauro Sodré. Em todos os anos que esteve em funcionamento era fiscalizado pelos inspetores do governo e cumpria com as leis educacionais e sempre com grande demanda de alunos nas três categorias de ensino.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução Sergio Góes de Paula. -2.ed.rev.e ampl.- Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CASTILHO, Irmã Maria Uília. **Uma História de amor.** (Feita de luzes e sombra) 1904-2004 - Fortaleza, 2004.

DA SILVA, Cléber Gomes. **Inventário da oferta turística de Igarapé-Açu, SETUR, PA, 2015.**

FONSECA, T. N. de Lima. História Cultural e História da Educação na América Portuguesa. IN: **Revista Brasileira e História da Educação.** Nº 12. Julho/dezembro 2006.p.55-73.

Legislação

MARCONDES, Maria Inês. TEIXEIRA, Elizabeth. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Metodologias e Técnicas de Pesquisa em Educação.** Belém: EDUEPA,2010.

MICHELE, MICHELI. **O Gigante do Prata**. Vice-Provincia capuchinha, São Luís, MA, 1986.

MUNIZ, João de Palma. **O Instituto Santo Antônio do Prata**. TYP da livraria Escolar, 1913. 82 p.

NEMBRO, Frei João Pedro Metódio. **Missionário Capuchinho Superior e Fundador**. Volume I e II. Tradução de Antônio Angonese. Editoras Vozes, 1998.

Pará. Relatório apresentado ao snr. Secretário de Estado da Justiça, Interior e Instrução Pública, 1905: Tipografia do Instituto Lauro Sodré, 1905.

RODRIGUES, Douglas Coelho. As representações do imaginário Colonial a partir dos relatos dos colonizadores. **XXVII Simpósio Nacional de História**. Conhecimento Histórico e Diálogo Social. Natal. RN. 22 a 26 julho 2013. ANPUH.

SAMARATE, Daniel. **Relatório de instrução**. 1905.

SAMARATE, Daniel. **Anotações históricas sobre a Colônia Santo Antônio do Prata**. 1906.

VIANA, Artur. **Revista oficial de Ensino**. Ano I. Nº 1. 1900.